



**A**o observarmos a concretude do espaço urbano, algumas questões afloram. Essas questões podem servir de referência quando voltamos para uma realidade urbana diversa de outra a que nos teríamos dedicado anteriormente. Talvez (e muito possivelmente) nessa observação subsequente não encontremos algo que se encaixe com perfeição em nossa referência previamente estabelecida, mas a simples busca referenciada pode nos fazer perceber, no que diz respeito a um espaço urbano, o que são questões algumas vezes similares, outras complementares e até há circunstâncias em que ao descobrir que nada existe de equivalente, justamente em função disso, uma característica marcante se pode explicitar.

Essa estratégia da Observação Comparada será aqui utilizada para aprofundar a compreensão da estrutura e das dinâmicas de um bairro da cidade de São Paulo, no Brasil e de outro da área metropolitana de Luanda, em Angola. Os bairros escolhidos

se apresentam com muitas precariedades, localizados nas bordas da malha urbana de duas grandes aglomerações humanas, com importantes desafios quanto à inclusão de sua população marginalizada tanto econômica como espacialmente.

Objetiva-se conhecer melhor o Habitat humano contemporâneo e essa escolha se dá em função de, ao considerarmos todo o planeta no início do milênio, já abrigarem em torno de um terço da população urbana mundial (DAVIS, 2006, p. 34), numa proporção que segue crescendo segundo informações da ONU ([nacoesunidas.org](http://nacoesunidas.org)), esses bairros precários que, portanto, representam uma das faces do ambiente onde, bem ou mal, a humanidade tem se estabelecido. Fundamental, portanto, compreender esses bairros, tendo como prerrogativa que há muito que se fazer para diminuir as dificuldades daqueles que neles moram, mas também que muito se acumulou de saberes nos seus processos de constituição,

ou seja, que são espaços vividos e que trazem lições, não sendo cabível entendê-los como simplesmente algo a ser removido.

Assim se insere, pois, a escolha de bairros precários de São Paulo e de Luanda para se avançar na compreensão do Habitat humano atual. Para tanto, procura-se a identificação de especificidades, valores e saberes nesse composto de habitação, infraestrutura e equipamentos a que nos referimos como Habitat da humanidade, hoje. Sem perder de vista as dinâmicas ali presentes, sendo que no que a partir especialmente de questões econômicas, podemos perceber potencialidades e paradoxos.

Não se pretende defender, é importante frisar, uma expansão da malha urbana com precariedades em função de uma revisão de paradigmas no que diz respeito ao lidar com os bairros ditos precários já estabelecidos. Entende-se, repetimos que há saberes ali acumulados que não devem ser descartados na necessária e urgente tarefa de rearranjo de nossa atual maneira de lidar com o planeta, para a qual uma condição sustentável, tanto em termos ambientais, como sociais e econômicos, é prerrogativa básica. Nesse sentido, há que se entender a lição de compacidade e estímulo a uso de espaços de conexão e mobilidade por parte dos pedestres que encontramos nos bairros precários de forma geral, ainda que por força da pouca ou nula atenção por parte do Poder Público e falta de acesso a crédito e bens de consumo. Há quem veja esses bairros precá-

rios, inclusive, como menos vorazes quanto ao consumo de combustíveis quando comparados à chamada cidade formal, o que poderá ser tema de reflexão posterior e que já se apresenta como inquietante paradoxo.

Favelas em São Paulo, Musseques em Angola, o que aprendemos ao olhar de forma comparada esses espaços precários no que diz respeito à infraestrutura, equipamentos, regularização fundiária e estabilidade construtiva?

No município de São Paulo, uma das Subprefeituras com maior índice de precariedades é a do Itaim Paulista, no extremo leste de seu território. Um dos Distritos dessa Subprefeitura, chamado também Itaim Paulista, foi definido como objeto de observação. Tendo o presente artigo a perspectiva de compreender o espaço urbano em regiões periféricas de Luanda e São Paulo, a definição do Cazenga em Luanda como área de análise fez com que o acima referido distrito do Itaim Paulista, na realidade paulistana, se apresentasse como uma região equivalente e comparável com aquela estrutura urbana angolana.

O distrito do Itaim Paulista tem sido, também, tema de pesquisa sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Paula Koury, da Universidade São Judas Tadeu (USJT), em São Paulo, que contou com eventos relacionados, nos quais, tanto informações como possibilidades para aquela área foram levantadas e processadas, apresentando-se, as-

sim, disponíveis para consulta e análise, algo que contribuiu para a realização deste artigo.

Apresentamos, assim, uma aproximação do Distrito do Itaim Paulista que se quer aqui esmiuçar e depurar, tornando algumas conclusões e intuições mote para observar a comuna do Tala-Hady, no município de Cazenga, parte da área metropolitana de Luanda, em Angola, que tem dimensões e características geomorfológicas com semelhanças em relação àquelas do segmento urbano paulistano.

Ambas as áreas (distrito do Itaim Paulista e comuna do Tala-Hady) têm córregos em sua, por assim dizer, espinha dorsal e, muito frequentemente junto a esses corpos d'água, estão áreas precárias, aqui Favelas, lá Musseques.

Há, veremos, tanto na área paulistana quanto naquela em Luanda, um mosaico de estruturas urbanas, produzidas ora a partir de uma lógica associada à chamada cidade formal, ora de maneira entendida como espontânea, que faz uso de estratégias presentes nas aglomerações humanas desde tempos imemoriais. Entendemos os fragmentos desse mosaico como sendo bairros, que se vê como bases de comunidades, ao menos latentes – no Distrito do Itaim Paulista, será observado com mais vigor o trecho definido como bairro Silva Teles e na Comuna de Tala-Hady o segmento entendido como bairro da Madeira.

Percebe-se, através dos mapas acima (Figuras 1 e 2) que, quanto às suas áreas, são comparáveis o Município de São Paulo e a chamada Grande Luanda, equivalente em termos administrativos ao que seria a Grande São Paulo, esta de dimensões muito maiores.

As divisões territoriais chamadas de Municípios em Luanda são comparáveis em área ao que chamamos Subprefeituras em São Paulo. Será importante identificar o nível de independência política nos chamados Municípios de Luanda – entender, portanto, até que ponto estão submetidos a um poder

Figura 1. Mapa Grande Luanda com seus Municípios (escala gráfica equivalente ao Mapa da Figura 2). Fonte: Inquérito Development Workshop, 2012. Disponível em: <[http://biblioteca.terra.angonet.org/sites/default/files/dpa\\_presentation\\_novadpa.pdf](http://biblioteca.terra.angonet.org/sites/default/files/dpa_presentation_novadpa.pdf)>. Acesso 10 out 2015.

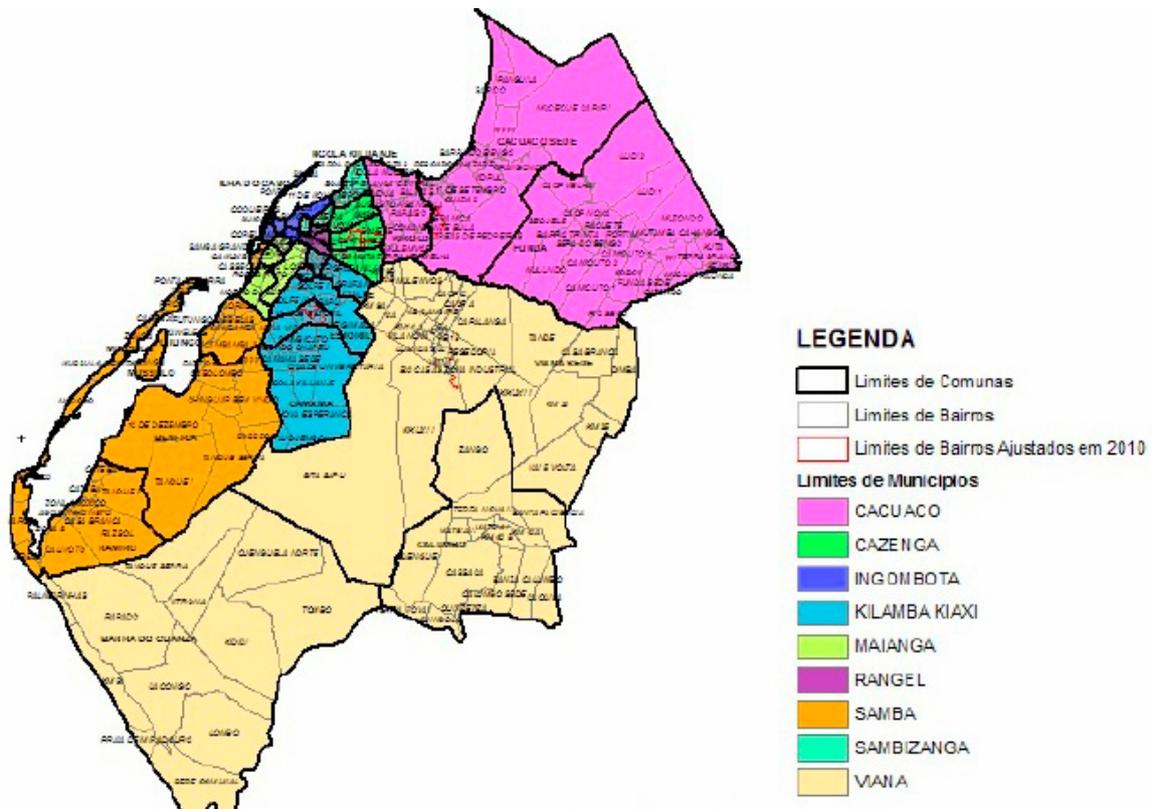




Figura 2. Mapa Município de São Paulo com destaque para a Subprefeitura do Itaim Paulista. Fonte: Disponível em: < <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/municipio/sp/municipio-sao-paulo-subprefeituras-distritos.jpg>>. Acesso 20 out 2015.

central como acontece no caso das Subprefeituras paulistanas, cujos mandatários são definidos pelo Prefeito do Município de São Paulo, este com um território que, como referido acima, equivale à área metropolitana da capital angolana como um todo.

Assim como as Subprefeituras em São Paulo são repartidas em Distritos, os Municípios de Luanda são divididos em Comunas. Tanto Distritos paulistanos como Comunas de Luanda são compostos de bairros, que podemos entender como a unidade populacional básica das duas cidades. Cidade é a divisão territorial administrativa em Luanda que equivale ao município no Brasil. Assim sendo, temos o Município de São Paulo e a Cidade de Luanda como instâncias equivalentes. As subprefeituras, divisões do município paulistano, equivalem aos municípios angolanos, chamados localmente de Administração Municipal. Distritos aqui correspondem às Comunas em Luanda. Bairros precários ou favelas daqui são chamados em Angola de Musseques.

Ainda que considerando as divisões político-administrativas das duas realidades urbanas em observação, teremos como referência as áreas ao longo dos corpos d'água presentes nas suas paisagens, junto aos quais se sucedem bairros e, portanto, ao menos potencialmente, comunidades que interagem entre si.

O objetivo já exposto de se avançar na compreensão do Habitat humano contemporâneo, fazendo

uso de duas importantes aglomerações urbanas do hemisfério sul, parte do entendimento de que a cidade é uma justaposição de comunidades, ainda que a dinâmica hegemônica da globalização não favoreça a solidariedade e cooperação (SANTOS, 2015) que se associa, em princípio, a uma estrutura comunitária. Entende-se, inclusive, que gestão e construção sustentável da cidade só são possíveis quando essas estruturas comunitárias são seus alicerces, seu fundamento.

Identificar dinâmicas comunitárias, para inclusive promover ações no sentido de fortalecê-las, é meta decorrente da visão abrangente que se pretende conquistar quanto ao Habitat humano.

Familiarizar-se com as divisões territoriais e com as unidades paisagísticas associadas à Hidrografia é estratégia para a aproximação em relação a essas unidades populacionais básicas que são as comunidades, “especializadas” em bairros (que não existem formalmente como divisão territorial na cidade de São Paulo, ainda que a expressão esteja presente na maneira como os paulistanos se referem ao seu local de moradia – em Luanda, por sua vez, Bairros são subdivisões oficiais das Comunas), cuja dimensão é objeto de discussão longe de encontrar consenso, eventualmente em função de diversidade de situações, mas que em princípio tem relação com uma certa “escala comunitária”.

Como referência na busca por uma compreensão do que seria uma dimensão da comunidade,

podemos lançar mão de alguns esforços empreendidos por arquitetos que, em tempos relativamente recentes, desenharam bairros novos e mesmo cidades que nasceram de um só golpe. No projeto que se adotou para a construção de Brasília, por exemplo, as assim chamadas superquadras foram pensadas para abrigar entre 2.500 e 3.000 pessoas (COSTA, 1995, p. 326), sendo que um conjunto de quatro delas constituiria uma unidade de vizinhança com, portanto, de 10.000 a 12.000 pessoas. Poderíamos pensar que ali se imaginou que comunidades teriam como espaço as superquadras que, junto a outras três, configurariam um bairro, entendido como uma unidade de vizinhança? Seria uma comunidade um conjunto de três mil pessoas, algo em torno de mil famílias? Dessa maneira, teríamos um bairro com quatro mil delas?

No emblemático projeto para o CECAP em Guarulhos, a equipe liderada pelo arquiteto Vilanova Artigas propõe “freguesias”, nome tradicional para se referir a uma unidade de vizinhança, que teriam edifícios “duplos” de gabarito baixo com 60 unidades cada, organizados em quatro blocos de oito edifícios cada (FERRAZ, 1997). A “freguesia”, portanto, resultaria num conjunto de 1.920 unidades, com uma população em torno de 8.000 pessoas.

O arquiteto egípcio Hassan Fathy, que se notabilizou por comandar em seu país de origem o reassentamento de uma vila chamada Gourn, cujo

processo de análise, identificação de parâmetros de ações e procedimentos durante a obra, além de custos e dificuldades, relatou em livro que se tornou referência para a compreensão de um urbanismo a partir da observação de relações que se apresentam e, portanto, distante de uma atitude arrogante de quem elabora soluções em função de premissas genéricas e hipotéticas (FATHY, 1982), identificou num grupo de 7.000 pessoas, potencialmente chegando a 9.000 quando supostamente encontrariam certo equilíbrio, uma estrutura de base comunitária, ainda que não tenha sido com esses termos tratada pelo autor referido.

Esses números revelam atenção para relações identificadas em certos contextos existentes e algumas vezes derivam da compreensão da otimização da infraestrutura e há situações em que se entrelaçam esses procedimentos, mas parece que essas aproximações tendem a confluir para uma escala de população de um bairro e para um arranjo com dinâmica que podemos ler como comunitária.

Qual a população de um bairro de São Paulo? E de Luanda? Será possível, nesses bairros paulistanos e angolanos, encontrar situações que remetam a uma média dos números apresentados aqui como primeira aproximação? Haverá diferenças marcantes entre a dimensão de uma comunidade em São Paulo e em Luanda?

Através da observação de mapas e fotografias, pretende-se aqui, a partir de divisões políticas



Figuras 3 e 4. Córregos do Cambambe no Cazenga e Lajeado no Itaim Paulista, que podem ser entendidos como limites entre partes da ocupação urbana. Fonte: Autor, 2015.

administrativas e hidrografia, mas transcendendo especialmente aquele retalhamento muitas vezes descolado de relações socioeconômicas efetivas, investigar como se organizam espacialmente supostas estruturas comunitárias. A ideia é refletir sobre sua articulação ou justaposição em bairros, cujos limites ou linhas de contato se pretende discutir.

Leituras da base física da cidade têm sido realizadas a partir da identificação de algumas referências, entre as quais os limites entre suas partes (LYNCH, 1997) – a pergunta é se esses limites se referem a linhas de contato entre estruturas comunitárias e também se estas estão enraizadas ou, em outras palavras, se têm sedimentados significados e referências na paisagem transformada pela mão humana desvelando, mais ou menos explicitamente, uma geomorfologia e hidrografia anteriores à sua presença ali.

Limites são elementos lineares, em geral usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras, quebras lineares de continuidade, como por exemplo margens de rios, ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais do que eixos coordenados. Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região da outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram (Figuras 3 e 4). Ainda que possam não ser tão dominantes quanto o sistema viário, para muitos

esses elementos limites são importantes características organizacionais, sobretudo em função de conferir unidade a áreas diferentes, como no contorno de uma cidade por água ou parede. (LYNCH, 1997, p. 52). As ruas podem compreendidas como referências que definem os limites de um determinado território, tanto externos como internos, delimitando diferentes setores ou bairros, vilas, distritos, comunas e municípios.

Há limites da Subprefeitura do Itaim Paulista (Figura 5) que são razoavelmente claros e perceptíveis: isso ocorre quando avenidas constituem suas divisas, como a Avenida Marechal Tito, a Avenida Córrego Três Pontes e o córrego Itaquera- Itaqueruna. No interior da mesma Subprefeitura, há quadras separadas entre si por espaços que podemos entender como limites em escala local.

No Município do Cazenga (Figura 6), cujos limites são formados ao Sul pela Avenida Deolinda Rodrigues ou estrada de Catete, a Oeste Estrada do Tunça Ngo ou Estação dos Musseques, ao Norte a Estrada do Cacuaco, e a leste a Estrada do desvio da Pombal ou estação do Gamek. Na escala local, são menos evidentes os limites em função de a organização espacial, resultante de ocupação descontrolada, não se apoiar em ruas claramente definidas, ainda que através delas se dê o acesso, além de abrigarem toda e qualquer atividade de lazer.

No município de São Paulo, uma das Subprefeituras com maior índice de precariedades é a do

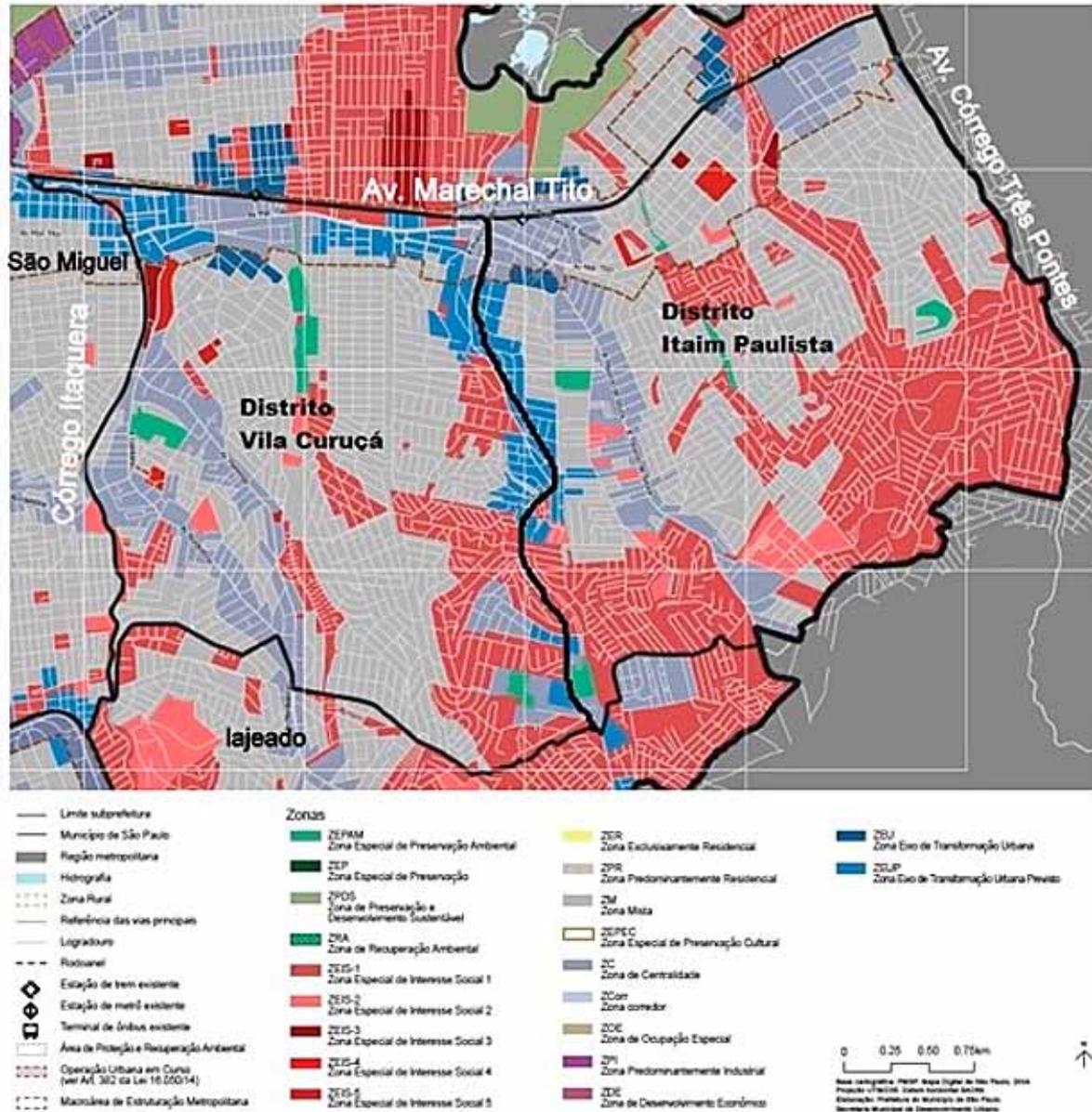


Figura 6. Limites do Município do Cazenga, e das comunas. Fonte: Inquérito Development Workshop, 2012. Disponível em: <<http://cazenga.forum.angonet.org/>>. Acesso 21out 2015.

Figura 5. Limites da subprefeitura e dos Distritos do Itaim Paulista. Fonte: Elaborado pelo Autor com bases da PMSP (Mapa Digital de São Paulo), 2016



Figuras 7 e 8. Indicação da posição do Bairro Jardim Silva Teles, e o Bairro do Madeira. Fonte: Elaborado pelo Autor com Mapa base Google Maps, 2015.

Itaim Paulista e em Luanda é o município de Cazenga. Ambas têm córregos em sua, por assim dizer, espinha dorsal e, muito frequentemente junto a esses corpos d'água, estão áreas precárias, aqui Favelas, lá Musseques.

Há, veremos, tanto na área paulistana quanto naquela em Luanda, um mosaico de estruturas urbanas, produzidas ora a partir de uma lógica associada à chamada cidade formal, ora de maneira entendida como espontânea, que faz uso de estratégias presentes nas aglomerações humanas desde tempos imemoriais. Entendemos os fragmentos desse mosaico como sendo bairros, que se vê como bases de comunidades, ao menos latentes – no Distrito do Itaim Paulista, será observado com mais vigor o trecho definido como o córrego do lajeado (bairro Jardim Silva Teles – Figura 7) e na Comuna de Tala-Hady o segmento entendido como afluente do rio Cambambe (bairro da Madeira – Figura 8).

As casas no bairro da Madeira (Tala-Hady) são, geralmente, construídas em blocos de concreto e cobertas de placas de zinco (Fig.9), enquanto no Itaim Paulista, são mais habitualmente de blocos cerâmicos, com coberturas de fibrocimento (Figura 10). Muitas delas estão em permanente processo de construção, já que os seus proprietários levam alguns anos a edificá-las. Segundo CAZENGA, Atlas 2012, a construção da própria casa no Tala-Hady (Cazenga) representa um grande esforço por parte das famílias algo que podemos tam-

bém dizer no que se refere ao Itaim Paulista. Em ambos os casos, ainda que com especificidades locais, vemos precariedades que são o resultado de realidades urbanas marcadas por desigualdades e, em alguma medida, segregação espacial.



Figuras 9 e 10. Tipo de Habitação no Bairro da Madeira e no Jardim Silva Teles. Fonte: Autor, 2015.

Na cidade de São Paulo, há programas de regularização fundiária, vinculados a algumas melhorias urbanas. A perspectiva de regularização e conse-



Figuras 11 e 12. Oficina de Costura no Cazenga e no Itaim paulista. Fonte: Autor, 2015 e Subprefeitura Itaim Paulista. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaim\\_paulista/noticias/?p=50264](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaim_paulista/noticias/?p=50264)>. Acesso 22 out 2015.

quente garantia de um lugar na cidade é, no caso paulistano, um importante instrumento de Política Habitacional na luta de um grande contingente de moradores de bairros precários em busca da integração sócio econômica (AZEVEDO, 2007, p.14). Identifica-se, mesmo assim, que falta uma Política Habitacional que leve à apropriação do espaço urbano de forma equilibrada.

O Cazenga cresce cada dia, com novas pessoas a chegarem a Luanda a procura de emprego e habitação. A chegada de tantas pessoas tem um impacto no tipo de habitação disponível, o estado das ruas, e os riscos físicos que as pessoas possam vir a enfrentar. (CAZENGA, Atlas 2012)

Tanto no distrito do Itaim Paulista como na Comuna do Tala-Hady há uma disputa acirrada por cada m<sup>2</sup> nos seus bairros já densamente ocupados, inclusive de forma irregular nas bordas dos córregos do Lajeado e do Cambambe, onde praticamente não se percebem áreas verdes.

No que diz respeito às atividades econômicas locais, alguns dados acabam por aproximar os bairros em observação. Em ambos, percebe-se a presença importante do trabalho relacionado à costura, no Cazenga há uma forma de trabalho peculiar do Bairro da Madeira (também presente na maior parte de Angola) que é o das costureiras ao ar livre, que não contam com uma oficina ou espaço protegido para sua atividade produtiva é uma prática artesanal de subsistência, onde cada

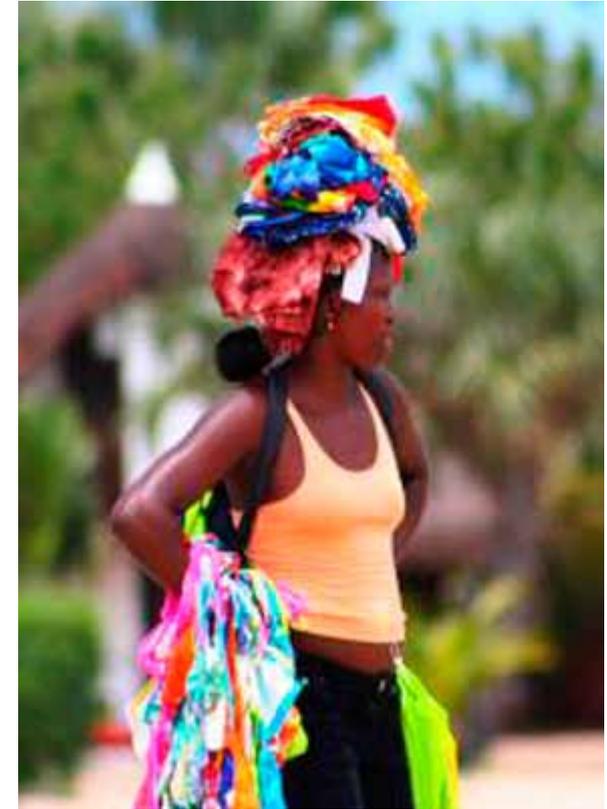
um aprende o ofício em casa ou na rua e presta serviços à comunidade (Figura 11).

Ao passo que Itaim Paulista, a atividade de costura (Figura 12), e o comércio informal local (Figuras 13 e 14), também representam importante fonte de renda, onde foi inclusive implementada um Programa chamado São Paulo Costurando o Futuro, projeto da SEMDET (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho), em parceria com SENAI, SEBRAE-SP, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (USP Leste), Singer do Brasil, além das Secretarias Municipais de Educação e de Coordenação das Subprefeituras, que em sua comunicação oficial expressa a intenção de qualificar na área de costura pessoas da região Leste da capital e se refere a empresas do Itaim Paulista, uma delas de produção de blusas femininas, que fazem uso dessa mão de obra local.

Conhecidas em Luanda como Zungueiras (Figura 15), as mulheres que estão “na zunga”, expressão usada para se referir aos ambulantes, andam pelo bairro e vivem desse serviço, alternativa à fome num país de poucos empregos. Outros grupos de mulheres estabelecem em suas próprias ruas um comércio informal da venda de diversos produtos (Figura 16). É habitual a venda, na porta de casa, de milho, banana e amendoim, vindos direto do campo, assados em fogareiros.



Figuras 13 e 14. Comércio informal nas ruas do Itaim Paulista. Fonte: Autor, 2015



Figuras 15 (acima) e 16 (dir.). Comércio informal nas ruas do Cazenga. Fonte: Marcelo Frota, 2015

Subprefeitura Município	Distrito Comuna	Área (Km <sup>2</sup> )	População (2010)	Densidade Demográfica (Hab./km <sup>2</sup> )
Cazenga	Hói ya Herde	13,462	91,836	6,821
	Cazenga	14,761	494,346	33,490
	Tala Hady	10,841	276,167	25,474
Total	3	39,064	862,349	22,075
Itaim Paulista	Itaim Paulista	12,0	224,074	18,673
	Vila Curuçá	9,7	149,053	15,366
Total	2	21,70	373,127	17,195

Figura 17. Tabela comparativa elaborada pelo autor com Dados do Itaim Paulista e do Cazenga. Fonte: Elaborada pelo autor com base no Atlas Cazenga e IBGE, 2010.

A tabela ao lado (Figura 17) mostra que o município do Cazenga e a Subprefeitura do Itaim Paulista apresentam áreas comparáveis em km<sup>2</sup>. Por outro lado, em termos de densidade demográfica média total, o município do Cazenga é mais denso.

A população do Município do Cazenga é quase o triplo da subprefeitura do Itaim Paulista. A Comuna com maior densidade demográfica é o Tala Hady, devido aos musseques da Vila Flor, Vila da

Mata, e do bairro da Madeira, que são favelas em áreas de risco, próximas ao córrego de um afluente do rio Cambambe.

Em função das médias acima indicadas e da observação da ocupação nos bairros do Jardim Silva Teles, no Itaim Paulista, e da Madeira, no Cazenga, estima-se que o primeiro tenha uma população de 4.839 habitantes em aproximadamente 40 ha e o segundo de 8.997 em menos de 20 ha.

### Considerações finais

Em relação às considerações acima levantadas sobre dimensões apropriadas de bairros, presentes nos projetos das superquadras de Brasília, nas freguesias do CECAP de Guarulhos e em Nova Gourná, no Egito, sem entrar no mérito das superfícies ocupadas, percebe-se que o bairro da Madeira possui uma população equivalente ao que se considerou uma estrutura base para relações de vizinhança, tendo o bairro do Silva Teles a metade desse contingente de pessoas. Será possível, a partir dessas aproximações, identificar a espacialização de uma estrutura comunitária?

Percebemos, nesse sentido, no Itaim Paulista e no Cazenga, espacialidades, que são consequências das apropriações por parte de seus moradores, não apenas funcionais, mas também formas de expressão de vida e de comunicação de seus moradores/construtores que determinam configurações, nunca estáticas, sempre em movimento, gerando um espaço diferenciado e conflituoso, determinado exatamente por sua singularidade. O que eles têm de mais singular em relação a outros lugares da cidade é a forma de apropriação dos seus espaços coletivos e a intensidade com que convivem nele, que podemos ver como evidência de relações comunitárias, algo que deve ser preservado quando se propõem intervenções urbanas e que deve servir de exemplo para a configuração espacial da cidade dita formal.

### Referências bibliográficas

AZEVEDO, Sérgio. Desafios da habitação popular no Brasil: políticas recentes e tendências. In: CARDOSO, Adauto L. (ed.) **Habitação Social nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: FINEP/CEF, 2007.

CAIM, Alan. Mercado de terra urbana e Micro finanças para Habitação em Angola. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/DevelopmentWorkshopAngola/mercados-de-terra-e-micro-financas-habitacional-luanda-13-maio-2013>>. Acesso 24 out 2015.

CAZENGA, Atlas. **Fórum Cazenga**. Luanda: Development Workshop, 2012.

COSTA, L. **Registro de uma Vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

FERRAZ, M. (Ed.) **Vilanova Artigas**. São Paulo: Instituto Lina e P. M. Bardo; Fundação Vilanova Artigas, 1997.

FATHY, H. **Construindo com o Povo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2015. ■